

UNILEÃO  
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MARIA EDILMA MENDES DE SOUSA

**A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO MULHER: PERSPECTIVAS PSICANÁLITICAS**

JUAZEIRO DO NORTE - CE  
2022

MARIA EDILMA MENDES DE SOUSA

**A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO MULHER: PERSPECTIVAS  
PSICANÁLITICAS)**

Trabalho de Conclusão de Curso –  
Artigo Científico, apresentado à Coordenação  
do Curso de Graduação em Psicologia do  
Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em  
cumprimento às exigências para a obtenção do  
grau de Bacharel em Psicologia.

**Orientador:** Prof. Dr. Francisco  
Francinete Leite Junior

JUAZEIRO DO NORTE - CE  
2022

MARIA EDILMA MENDES DE SOUSA

**A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO MULHER: PERSPECTIVAS  
PSICANÁLITICAS**

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação: 29/06/2022

**BANCA EXAMINADORA**

Orientador: Prof. Dr. Francisco Francinete Leite Junior

Membro: Profa. Me. Indira Feitosa Siebra de Holanda/UNILEÃO

Membro: Prof. Me. Marcos Teles do Nascimento/UNILEÃO

JUAZEIRO DO NORTE - CE  
2022

## A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO MULHER: PERSPECTIVAS PSICANALÍTICAS

Maria Edilma Mendes de Sousa<sup>1</sup>  
Francisco Francinete Leite Junior<sup>2</sup>

### RESUMO

Esta pesquisa definida como Revisão Narrativa da literatura realizada através de textos fundamentados na psicanálise discutindo a constituição do sujeito feminino. Trabalhando regras básicas da investigação científica, através de obras escritas, já divulgadas, feito levantamento de autores com caráter qualitativo melhorando o conhecimento, envolvidos na compreensão do tema. Feita on-line em base de dados nas plataformas do Google Acadêmico utilizando as palavras chaves mulher, feminino, psicanálise, identidade. Com o objetivo geral de analisar a concepção do feminino na psicanálise, propondo uma produção no entendimento diante as questões que atravessam o universo feminino, através da visão de autores e autoras psicanalistas sobre a mulher, dimensionando questões da feminilidade, relacionando ao conceito de sujeito e subjetivação com o feminismo, gênero e sexualidade no movimento psicanalítico, abordando-o em sua origem, significado, conceito biológico, social. No âmbito psicanalítico onde a mulher conquistando seu lugar de fala, sendo ouvida como paciente, depois inserida à sociedade psicanalítica. Sobre a mulher que poderia falar senão elas mesma, num ambiente totalmente masculino foram os psicanalistas primeiro a discutir sobre a mulher, posteriormente autoras e ocuparam esse lugar. A constituição da feminilidade de uma mulher, identidade imposta pela sociedade, que é mutável de tempos em tempos. Concluindo que a psicanálise traz que a mulher não existe pois o inconsciente é sexuado, sendo a mulher corresponde ao objeto de realização de desejo para homens, para elas próprias, estando em lugar inexistente. Pensando em exercer lugar de poder, marcado por atividades silenciosas, cheias de limitações e exigências.

**Palavras-chave:** Mulher. Psicanálise. Feminino. Gênero. Psicologia.

### ABSTRACT

This research defined as a Narrative Review of the literature carried out through texts based on psychoanalysis discussing the constitution of the female subject. Working with basic rules of scientific investigation, through written works, which have already been published, a survey of authors with a qualitative character improving knowledge, involved in the understanding of the subject. Made online in a database on Google Scholar platforms using the keywords woman, feminine, psychoanalysis, identity. With the general objective of analyzing the conception of the feminine in psychoanalysis, proposing a production in the understanding of the questions that cross the feminine universe, through the vision of authors and psychoanalysts about women, dimensioning questions of femininity, relating to the concept of subject and subjectivation with feminism, gender and sexuality in the psychoanalytic movement, approaching it in its origin, meaning, biological and social concept. In the psychoanalytic context where the woman conquering her place of speech, being heard as a patient, then inserted into the psychoanalytic society. About the woman who could speak but themselves, in a totally masculine environment, psychoanalysts were the first to discuss women, later authors and occupied this place. The constitution of a woman's femininity, an identity imposed by society, which is changeable from time to time. Concluding that psychoanalysis brings that the woman does not exist because the unconscious is sexed, and the woman corresponds to the object of

---

<sup>1</sup>Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: medilma.mendes@hotmail.com

<sup>2</sup>Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: francinetejunior@leaosampaio.edu.br

fulfillment of desire for men, for themselves, being in a non-existent place. Thinking about exercising a place of power, marked by silent activities, full of limitations and demands.

**Keywords:** Woman. Psychoanalysis. Feminine. Genre. Psychology.

## 1 INTRODUÇÃO

O processo de subjetivação da mulher não está vinculado somente ao que a sociedade a impõe, pois o gênero é uma construção da sociedade, que materializa-se no corpo. Sabe-se que a educação patriarcal, direciona a mulher como um sujeito de fala, produzindo processos de silenciamentos.

É bem verdade que ao longo de meio século as mulheres tenham muitas conquistas, mas no entanto limitadas e no que me compete ao trabalho é conhecer o que é ser mulher, tem diferença além do órgão genital, já é sabido que as mulheres tem mostrado muitas de suas competências, pois elas já ocupam lugares que antes eram somente os homens que dominavam, mesmo que tenhamos que pagar o um preço muito alto para está nessa posição de igualdade, que para as mulheres, tem sido injusto, o que perdem para ter os direitos ao básico e que as compete como ser humano.

A escolha do tema em torno da constituição do sujeito mulher sob a perspectiva psicanalítica seguiu a trajetória pessoal da pesquisadora atravessada pelas suas inquietações quanto ao que era ser mulher nos dias de hoje, num mundo onde o masculino tem seu lugar, onde pode orquestrar tudo e sua volta e a mulher em contra partida tem ficado cada dia mais a sua sombra, cheia de atividades que lhes foram delegadas, deixando-a sobrecarregada.

Com o passar dos anos, sempre questionando se a vida da mulher seria demandada pelo que a sociedade a cobrava. Ouvindo falar de uma escritora Simone de Beauvoir que discutia em seus escritos, e uma citação lhe chamou a atenção; a que “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher.” (BEAUVOIR, 1949) deixando-a inquieta, tomada por uma curiosidade e ao iniciar o curso de psicologia da referida instituição, questionava-se como pois já nascemos com a imposição que a falta do falo, nos faz mulher e já nos impõe várias regras etiqueta que a sociedade exige.

Através dessa pesquisa com o ensejo de evocar para o ambiente acadêmico que a mulher a respeito desse ser que até mesmo Freud de início em sua primeira tópica, havia dito que não existe, e elas mulheres existem, mas não podendo assim ser explicado. O sujeito mulher tendo como base a fala psicanalítica, tem seu lugar devendo esse ser respeitado e mantido seu lugar nas instituições ensino superior.

E a partir dessa pesquisa apresentar sob uma perspectiva Psicanalítica o que uma mulher representa para si, e o que a sociedade a tem colocado e até onde ela se faz presente nessa composição imposta à mesma, quanto ao seu lugar, seus desejos, seu lugar de fala.

O que é ser mulher e qual o seu lugar? Diante dessa interrogativa que transpassa a pesquisadora foi que surgiu o desejo de construção do artigo de encerramento de curso de psicologia.

Com o objetivo geral de analisar a concepção do feminino na psicanálise, propondo uma produção no entendimento diante as questões que atravessam o universo feminino, através da visão de autores e autoras psicanalistas sobre a mulher, dimensionando questões da feminilidade, relacionando ao conceito de sujeito e subjetivação com o feminismo, gênero e sexualidade no movimento psicanalítico

## **2 METODOLOGIA**

A metodologia trata-se de um processo científico definido para se trabalhar as regras básicas utilizadas na investigação científica para chegar ao resultado de confiabilidade maior (MARCONI; LAKATOS, 2003)

Este trabalho se define como uma Revisão Narrativa da Literatura, onde a pesquisa foi feita através de obras escritas e artigos já divulgados, e feito levantamento de alguns autores no período de 6 meses, com caráter qualitativo, visando melhorar o conhecimento tendo como objetivo a investigação envolvendo a compreensão do tema, não sendo pesquisa de caráter estatísticos. Classificando se como estudo exploratório.

Segundo Gil (1999) a pesquisa de aspecto exploratório do estudo tem o intuito de desenvolver o esclarecimento de pensamentos e concepções trazidas através de autores onde pode dar maior liberdade de planejamento do tema de maneira a melhor apresentar o assunto escolhido, e trazer aos leitores uma visão mais ampla do que os autores trazem. A pesquisa tem o objetivo de fazer uma revisão narrativa da literatura, trazendo autores que trabalham o tema escolhido de maneira específica com o intuito de produzir um apanhado consequente da pesquisa feita de uma avaliação crítica de diversos artigos e estudos.

Com o tema escolhido, foi feito pesquisa online em base de dados em plataformas do Google Acadêmico, onde estão armazenados artigos de pesquisa confiáveis literaturas de autores que falam sobre a temática, com palavras chaves tais como: feminino, feminilidade, mulher, lugar de fala, psicanálise, identidade, corpos, sexo, personalidade, gênero conhecimento, psicologia sendo os descritores utilizados de forma intercalada. Escolhidos por

títulos e assuntos que tratam sobre mulheres e subjetividades, o feminino visto pelos autores de abordagem Psicanalítica.

Tendo em vista pesquisa realizada, textos lidos, foram selecionados os mais condizentes com a temática optando por textos sistematizados que expliquem como o feminino era visto pelos autores psicanalíticos, quem falava sobre elas, e o que falavam, e hoje quem são os autores e quais a autoras que compreendem na vivência o tema.

Um outro ponto a evidenciar é que os trabalhos na pesquisa qualitativa escolhidos foram na ordem de interesse no ponto de vista da psicanálise, e que apresentassem algo da experiência vivenciada e escrita por mulheres na contemporaneidade trazendo mais informações que serão levadas a discussão no decorrer do texto.

### **3 O FEMININO EM PSICANÁLISE**

Para falar sobre Feminino se faz necessário que consultemos sua origem vinda do latim “Femininus” em seu significado no Dicionário Aurélio da língua portuguesa (FERREIRA, 2001) trata-se de adjetivo próprio que refere a mulher, fêmea, contrário do masculino.

O sexo se refere às características biológicas ou seja homem e mulher dado a constituição dos cromossomos no organismo humano que difere ambos (SANTANA, BENEVENUTO, 2013).

Partindo desse conceito biológico, socialmente o papel da mulher e do homem é constituído socialmente e muda de acordo com o tempo e a sociedade, iniciando desde o ventre da mãe, onde começam sobre o enxoval a ser escolhido, já separando a cor rosa para as meninas e azul para meninos, o nascer da criança quando é identificado o sexo do bebe, através dos seus genitais feminino ou masculinos.

Nascidos com cromossomos masculinos XY ou cromossomo XX como sendo feminino (LOUREDO, 2022) os pais e familiares iniciam a educação diferenciando os modos de agir pensar separando o que é de menina e de menino, quando começam a sociabilizar na escola, na mídia, e em sociedade em geral reforçam a divisão fazendo assim com que cada um saiba seu lugar.

No caso das mulheres são impostos lugares fixos, internos, submissos, recebendo atividades que visam a necessidade da sociedade em objetivar a mulher na inserção de uma sistema que afirmam uma oposição a ambos (SANTANA, BENEVENUTO, 2013)

A sociedade tem maneiras de agir sobre os indivíduos, mas o feminino é cobrado constantemente a ter um comportamento mais regrado, seguindo regras impostas onde as

mulheres por acreditarem que por sua capacidade de gerar filhos possuindo assim o dom de zelar e cuidar do outro, exigindo que suas funções sejam determinadas por funcionalidade social e histórica (DORNELAS, 1993).

A construção de uma sociedade em prol de manter o patriarcado tende a determinar atributos designados havendo segregação entre mulheres e homens tais como suas responsabilidades e direitos. Direcionando o homem ao trabalho e o dinheiro, o sustendo e proteção do lar, restando para as mulheres os afazeres do lar, cuidar dos filhos, e por fim a submissão ao homem.

O desejo em manter a mulher nesse lugar de submissão ainda perpetua nas instituições conservadoras tais como igrejas e grupos sociais dirigidos por pessoas conservadoras. Visto dessa forma e que para muitos trata-se de regra, mesmo que amenizadas no contexto subjetivo já que muitas mulheres estejam em outro nível de instrução e socialmente mudado (POLI, 2007).

No que compreende as mudanças conquistadas pelas mulheres, que através de seu trabalho, onde elas que sustentam seu próprio lar, são empreendedoras, tendo suas próprias empresas, o universo feminino ainda encontra-se submetido a censura, o recalque, mesmo com o advento do feminismo lutando por direitos iguais (POLI, 2007).

A psicanálise teve sua contribuição em legitimar o desejo de libertação das mulheres oprimidas, trazendo o direito de fala e através das históricas, qualidade de se impor a posição de objeto de desejo do homem, a qual elas estavam destinadas por uma sociedade patriarcal, que não legitimavam as mulheres como iguais e sim inferiores (POLI, 2007).

No livro *Em defesa da Psicanálise* Roudnesco (2009) fala que “Os homens da quarta-feira” como eram conhecidos os primeiros psicanalistas freudianos da história contribuíram para a emancipação feminina com exceção de dois Isaac Sadger e Frits Wittels e posteriormente Freud combateu a tendência anti feminina quando se opôs as teses de Karl Kraus e Otto Weininger. Outros psicanalistas que no decorrer da história trouxeram suas contribuições além de Sigmund Freud, Fliess, Jacques Lacan, e as mulheres Emma Eckstein, Margarethe Hilferding, Hermine Von Hug-hellmuth (primeira psicanalista de criança), Anna Freud, Karen Horney, Melanie Klein entre outros nomes.

Os estudos sobre a mulher na Psicanálise vieram através da investigação casual de Breuer sobre a histeria, tal patologia que era frequente naquela época, e que acometia muitas mulheres, e por convite do mesmo, Freud veio a participar desse estudo e tendo como resultado um mecanismo psíquico atribuído às mulheres que sofria dessa doença, um sofrimento que as



levavam ao internamento hospitalar, onde fora iniciado por Breuer que estudava esse fenômeno e depois por Freud aprofundando através de técnicas de hipnose (FREUD, 1836-1939, 2010).

A partir desse estudo Freud começa a estudar melhor a histeria, e então o leva a descoberta da psique, lançando as bases da psicanálise, por entre a escuta das histéricas, e assim se constituiu o ponto de partida sobre a especificidade do feminino na teoria Freudiana, sua curiosidade em saber o que seria específico do feminino já que a histérica lançou falas sobre o amor, do desejo, o ódio e a culpa, sentimentos que apontam para a mulher, ele também despertou o desejo da relação entre a sexualidade e a etiologia da histeria, e partindo dele deu-se início ao seu trabalho na clínica (FREUD, 1836-1939, 2010).

Após os estudos clínicos de Freud que a histeria deixou de ser vista como doença da mulher, tornando-se como doença que acomete a qualquer pessoa de uma relação humana “doentia”, dando assim início a seus estudos sobre a subjetividade humana (FREUD, 1836-1939, 2010).

Freud escreveu pouco sobre a sexualidade feminina, mas em sua obra muito se refere a essa temática, espalhada em textos sobre outros assuntos, como as mulheres era as que mais frequentavam sua clínica, tinha mais abertura de levar suas questões, desde o início ele tenta trazer a luz questões sobre a feminilidade em sucessivas abordagens de diferentes maneiras, e já mencionava sobre a teoria da repressão em seus escritos que trocava com Fliess (FREUD, 1836-1939, 2010).

Autores psicanalistas no século XIX, questionaram a teoria de Freud, afirmando que feminino era visto somente com uma menina que entende que tem um vagina mas não aceita, conforme artigo 'On the **Genesis of the Castration Complex in Woman**' de autoria de Karen Horney, publicado no **International Journal of Psychoanalysis** no ano de 1924 (HORNEY apud WOLFF, 2009)

Segundo Melanie Klein (1932, 1997) a menina tendo uma percepção inconsciente, que ela não é a falta, mas que sendo o falo masculino para fora e do feminino para dentro e que sua feminilidade é constituída por processos complexo onde tanto para meninos quanto para meninas o funciona mental são semelhantes, já que o feminino é diferente de feminilidade.

Anos após, Lacan ajudou na questão de feminilidade junto à psicanálise quando fala da difícil resolução da sexualidade feminina a qual Freud coloca como “obscura” e quanto traz a ideia da inveja do pênis, percebendo a existência de um gozo a mais, propondo uma ideia de sexuação ao trazer a constituição de pensamento de “não há relação sexual, onde o conota a relação entre o simbólico, o masculino e o Outro que não se pode nomear, o feminino” (LACAN 1972-1973, 1982. P17-18).

#### 4 SOBRE A MULHER, QUEM PODE FALAR?

No universo da Psicanálise, totalmente masculino, no final do século XIX, as mulheres não tinham presença na história das psicopatologias a não ser como pacientes, mulheres que sofriam de uma mal psíquico, tratadas como loucas ou histéricas, confinadas no diversos hospícios da Europa.

Através de Josef Breuer e Sigmund Freud que em seus estudos experimentais no segredo de seus consultórios no hospital Salpêtrière, às escutavam, e a partir daí puderam dar voz e vez a essa mulheres que tinham seus corpos enfermos sofrendo com convulsões e coerções de corpos (ROUDNESCO, 2009).

De acordo com Roudnesco (2009), as mulheres que padeciam desse sofrimento permitiram que os homens da ciência pudessem elaborar uma nova teoria da subjetividade, mas que em seus escritos não as identificam e designam com nomes inventados, sendo tratadas como casos, e mais tarde através da historiografia científica foram identificados os seus nomes atribuído lugares na história da Psicanálise e da Psicopatologia.

Com a fundação da primeira sociedade de Psicanálise em 1902 por Freud em Viena onde se reuniam todas as quartas feiras, composta somente por homens, onde servindo de laboratório para novas ideias, e falando de casos de doentes psíquicos que na maioria eram mulheres, não que os homens também não sofressem de tal doenças mas predominavam em mulheres (ROUDNESCO, 2009).

Homens falando de assuntos que dizem respeito na maioria das vezes às mulheres, não tendo representantes femininas no corpo dessa sociedade que posterior fora transformada em uma associação reunindo-se para explorar as profundezas do inconsciente, que eram acometidos por distúrbios psíquicos, expondo seus casos clinico como também sua vida privada, anseios, desejos e problemas, assim eram constituídas as reuniões.

Diferentemente do pensamentos feminista que Freud era misógino, os membros juntamente com ele eram adeptos da emancipação feminina, e em 1907 uma única mulher, Emma Eckstein, a primeira mulher psicanalista filiou-se a associação, onde antes eram pacientes, no cenário de discussão, agora já tinham uma representante do outro lado história, e com ela nos anos posteriores o número de mulheres aumentou para 42 de 149 membros n o total (ROUDNESCO, 2009).

No decorrer dos anos, vieram mais psicanalistas que estudaram a mulher sentindo o que é ser mulher, estando nesse lugar, com suas dores, alegrias tristezas e no que diz suas lutas, lutas essas que é cada dia mais difícil, conquistar seus lugar de fala. Mulheres que adentraram

na psicanálise e que desenvolveram teses, trazendo questões, tais como a mínima diferença do masculino e o feminino, os espaços femininos, as mulheres e a lei, os deslocamentos femininos a constituição da feminilidade, sexuação e a subjetivação.

A presença e a participação ativa feminina no ambiente psicanalítico não incomum, sendo que em alguns casos até tenha superado o de homens (SILVA, SANTO; 2015), mesmo que não poderia ser impensável essa movimento em pleno século XX, já que para se tornar psicanalista seria necessário a formação medica, onde a entrada de mulheres nas instituições de ensino superior era muito difícil.

As mulheres dentro do âmbito na Psicanálise, tem conquistado espaços que antes como pacientes trazidas pela doença psíquica, a histeria, e após como psicanalistas. Cada vez mais sendo trabalhado e discutido a diferença entre o feminino, o feminismo e a feminilidade algumas autoras trouxeram a luz temas pertinentes ao que interessa ser abordado nessa pesquisa de narrativa de literatura.

De acordo com Marcus e Erika (2016) a psicanalista Emma eckstein contribuiu com temas sobre a “educação sexual na educação das crianças”, várias outras psicanalistas trouxeram suas contribuições a psicanálise dentre elas a autora Maria Rita Khel vem abordando em seus artigos e livros as relações das mulheres consigo mesma, que retratam muito bem o feminismo, gênero, e sexualidade da mulher como sujeito e sua subjetivação ao longo dos anos, bem como seu papel na construção e naturalização e diferenciação de gênero e de hierarquias, condições sociais, sexualidade, subjetivação, posição feminina, tudo sob o visão crítica da psicanalise, para produzir entendimento quando a tais questões que perpassa a produção feminina (KHEL, 1996).

A escrita feminina na psicanalise sobre o feminismo, retrata melhor o que as mulheres vivenciam, buscando interpretar e elas mesmos entenderem o papel social da mulher e suas condições ao longo do tempo, e através delas possamos perceber que suas trajetórias para ocupar lugares antes tão masculinos, que hoje mulheres também passam por dificuldades para obter vitórias nesse ambiente culturalmente machista que não dá oportunidade de mostrar seu potencial e que há muito mais afinidades do que diferenças, lutas transformadas em acolhimento, e oportunidade de assim entrar em contato com esse universo diversificado, e com tantas singularidades (KHEL, 2008).

O universo feminino traz consigo muitas questões que permeia a mulher, tais com a confusão feita entre três palavras que no âmbito leigo se assemelham na escrita, mas quanto a etimologia, ou seja a origem remetem a lugares diferente que esse universo passeia, as palavras: feminino, feminismo e feminilidade, que de acordo com o dicionário, a palavra feminino diz

respeito a oposição binária, o masculino, que aparece em alguns contextos sociais ao que remete a negação, que não pertence ao masculino, no que tange a feminilidade trata-se de um conjunto de características do padrão heteronormativo, tais como a dependência social e nutriz emocional e física dos outros. Já o feminismo, trata-se de um movimento ou fenômeno social e cultural que tem como balizas históricas a reivindicação de igualdades com base na discussão que procurou estender os direitos do homem às mulheres (KHEL, 2008).

Mas na psicanálise tem sido visto como algo da subjetividade, trabalhando no contexto de que o sujeito por não ser exato, abandona as disposições binárias rígidas, mostrando que o inconsciente se é todo sexual, não é sexuado, no ponto de vista da psicanálise ele é diferenciado, mas a cultura nos diferencia como homens e mulheres

No decorrer dos anos se reconhecia como mulher ou homem, estava ligado a sua genitália, e a partir dessa constatação chegava-se a determinar atributos que eram designado a mulheres e homens tais como suas responsabilidades e direitos assim conferidos pela sociedade, o que separava e denominava o que cada um faria, assim com seus lugares de fala, onde para o homem, o trabalho e o dinheiro, o sustendo do lar e para a mulher afazeres do lar, cuidar dos filhos, e submissão ao homem, onde dias de hoje continua sendo visto dessa forma e que para muitos trata-se de regra, mesmo que amenizadas no contexto subjetivo já que muitas mulheres esteja em outro nível de instrução e socialmente mudado no que compreende as mudanças, mulheres trabalham e muitas delas que sustentam seu próprio lar (KHEL, 1996).

O universo feminino sempre submetido a censura, o recalque, mesmo com o advento do feminismo lutando por direitos iguais, a psicanálise teve sua contribuição em legitimar o desejo de libertação das mulheres oprimidas, trazendo o direito de fala e através das históricas, o qualidade de se impor a posição de objeto de desejo do homem, a qual elas estavam destinadas por uma sociedade patriarcal, que não legitimavam as mulheres como iguais e sim inferiores (POLI, 2007).

A sexualidade feminina vista pelo fundador da psicanálise neste momento, apesar de ter a anatomia como destino, ele via que não bastava a correspondência anatômica, tinha algo que perpassava tais condições, não era somente nascer com órgãos genitais femininos que afirmava ser uma mulher, não era simples assim, partindo do pressuposto de identidade sexual.

O que os paciente de Freud traziam à clínica, onde ousavam falar por estarem protegidos pelo sigilo, foi que o levou a ter interesse pela sexualidade humana, pois através falas de muitos dos seus pacientes, apresentando sintomas neuróticos que eram trazidos haviam relatos de desejos de caráter sexual, na época tão reprimido, Freud tentava descrever a gênese do desenvolvimento através de uma ciência da sexualidade, mesmo após anos de pesquisa e as

voltas com o passado, o levando uma audaz relação a uma separação da sexualidade humana e as funções biológicas do sujeito, ocasionando assim uma ruptura da ciência com a religião mostrando que o pertencimento do ser humano com a lógica da evolução natural (FREUD 1836-1939, 2010).

Ao fazer menção na posição de Freud no que tange a diferença sexual, podemos citar fantasia Edipiana na construção psíquica, delegando a anatomia genital a definição das identificações, testemunhos tragos por mulheres que ele atendia, eram concernentes à época vivida, não sendo suficientemente para os dias de hoje prender a existência da diferença entre os sexos e conseqüentemente às fantasias do desejo.

#### **4 FEMINILIDADE E SUA CONSTITUIÇÃO**

A linguagem que constitui o sujeito, tratando-se de que a fala é viva, trazendo o movimento e relacionamento, ao ouvirmos o outro são recebidas impressões que nos transformam, construindo hábitos referencias linguísticas, nossas necessidades expressivas provem da fala, nos construindo desde o nascimento pelo que ouvimos durante toda a infância, são impressos no sujeito fazendo o assim sua construção. Somos seres de cultura e essa por sua vez permeadas de falas, manifestadas individuais e por vezes momentâneas, a história vem da evolução da fala, com seus fluxos estruturantes, movimento este que é flutuante (KHEL, 1996).

A história tem contado muito sobre essa a relação com a posição da feminilidade, de como a mulher tem passado por diversas adequações no intuito de domar a natureza feminina promovendo um conjunto de funções, predicados atributos e sem contar com as enormes restrições no intuito de moldar a mulher aos seus interesses(KHEL, 2008).

Todas as mulheres estão fadadas a cumprir essas funções por terem nascido com a particularidade de seus corpos de procriar, e logo foi atribuído a vocação de ocupar somente espaços sociais que referem se a cuidar da família e do espaço doméstico, traçando assim um destino que por ser uma vocação natural, é presa a tão somente a maternidade afim de melhor mostrar o que se espera dela, trazendo a pesquisadora.

Da mulher tem se cobrado muito a ostentação de virtudes que dialogam com o que natural e o que é cultivado, a docilidade, o recato e uma aceitação passiva quanto aos desejos e necessidades que lhe é cobrada pelos homens, correspondendo os ideais construídos de feminilidade como um modo de poder disciplinar moderno aferido a elas (KEHL, 1996).

Tal feminilidade tem passado por diversas mudanças, e a linguagem tem participação na estruturação, senão uma grande parte, já que o sujeito se estrutura na linguagem. A mulher

tem passado por grandes mudanças e de algumas décadas tem conquistado cada dia mais esse espaço não somente aceitando regras ditadas, lugares que a cultura tenha conferido a elas. A expressão de suas vontades e a luta por seus direitos no decorrer dos anos tem aferido a elas lugares antes imaginados (COSTA, 2018).

O Feminismo visto como movimento articulador que promove a luta pelos direitos de igualdade das mulheres vai muito além dessas questões e é muito mais antigo do que pensamos, e não é somente um movimento político, mas também um fenômeno da sexualidade humana (PEREIRA, 2018).

A psicanálise por ter um amplo e forte vínculo com o patriarcado, já que nasceu no período em que os homens exerciam uma autoridade sobre a mulher, efetivando inúmeros atos violentos contra elas e as excluía da vida pública, e do âmbito político, mantendo em suas mãos seus destinos, de maneira arbitrária e sagaz, visto dessa maneira pelo pensamento feminista (SILVEIRA, 2020).

Mesmo tendo sido através estudos sobre a Histeria que Freud ao escutar as mulheres acometidas de tal patologia, dando voz ao sofrimento feminino, mas que pelo época ser de muitos repressão, e tendo assim como trabalhar melhor as questões que eram trazidas na clínica, a partir de seus estudos mostrou que o caráter contraditório da moral na época em que viveu em meados do século XIX E XX, havia uma opressão sobre a vida psíquica na vida das mulheres que era ocasionadas por exigências advindas do casamento que socialmente não podiam expressar as demandas da sexualidade, que provocava nas mulheres uma espécie de revolta que por não ter direito a fala (SILVEIRA, 2020).

Freud teve uma parcela de ajuda no movimento feminista, não diretamente, mas com o estudo das concepções fundamentais de sexualidade e de inconsciente, arquitetando assim o a constituição das singularidades, estruturando-se na e levando em consideração o as diferenças sexuais a partir da bissexualidade psíquica inicial desligando ambos masculino e feminino dos corpos biológicos, e após essa descoberta, muitas outras pesquisadoras psicanalistas ao longo dos anos vem contribuindo de maneira mais contundente no assunto, trazendo a luz diferenças entre a realidade social e a psíquica, essa última que fez parte dos estudos sobre a Histeria de Freud, e a primeira o que trata-se o movimento Feminista, mas sempre fica a indagação o que é ser mulher? A psicanálise não tem deixado de lado no decorrer dos anos, através de vários autores psicanalista a possibilidade de saber sobre o universo feminino (SILVEIRA, 2020).

A mulher ao longo dos anos tem sido alvo de muitas pesquisas afim de explicar o que este ser pode ser compreendido. No livro *O Segundo Sexo* (1949) de Simone de Beauvoir, logo no primeiro capítulo e na primeira linha ela fala que mulheres não nascem, mas tornam-se

mulher, a autora ao fazer críticas a psicanálise, que ainda era composta em sua maioria por homens machistas, críticas essas progressista ao patriarcado, o que hoje o movimento feminista usa na luta das mulheres por estarem dispostas a lutarem por seus direitos, estes usurpados pelos homens no decorrer dos anos (BEAUVOIR, 1967-2019).

As mulheres foram e ainda são alvos de atos violentos e de exclusão na sociedade, praticados até por elas mesmas quando não apoiando-as nas lutas e rechaçando suas falas diante um público machista e patriarcal. Criadas por mulheres, em ambiente e sob a supervisão feminina mas com regras feitas por homens e para homens, alicerçadas estruturalmente sob a autoridade do homem sobre a mulher (KEHL, 2008).

O corpo humano, é o primeiro na irradiação da subjetividade. Sendo instrumento capaz de efetuar a compreensão do mundo, e através dos olhos, das mãos e das partes sexuais que aprendem sobre o universo, ao olhar capturando imagens, as mãos tocando os objetos e sentindo afetos tais como o da mãe. E as partes sexuais no decorrer das fases na criança que sentem os prazeres e sensações que possam ser desagradáveis, e tudo isso é como tanto no gênero masculino quanto no feminino, tudo isso na primeira infância e que nada diferem entre si. Contudo a partir da segunda infância e puberdade os valores são passados de forma a ser domada, atribuindo funções, com regras subordinadas praticamente ao homem (PEREIRA, 2018).

A expressão tornar-se mulher (BEAUVOIR, 1967- 2019), para a mulher contemporânea que tem traçado de maneira cuidadosa o seu destino tradicional, mudando a direção, apontando para o seu desejo, desejo de ser quem se é, e tem pleiteado junto a sociedade que a cobra em demasiada, por múltiplas funções, carga horarias de trabalho grande, quase sempre com terceiros turnos, mantendo assim a casa com filhos, o trabalho fora de casa, disputando um lugar que para ela se faz necessário no meio social e político.

Tornar-se mulher vai muito além das regras ditadas, a educação para boas moças, o corpo feminino escultural, ser esposa, ser mãe, cuidar dos filhos do marido, da sociedade através de funções destinadas a nos mulheres, medindo e limitando o nosso potencial tais como enfermeiras, professoras, cuidadoras, ser mulher e muito mais que tudo que fora citado acima, mas elas podem mais e tem mostrado que o lugar delas é onde elas possam conquistar e não ditames de uma sociedade (KHEL, 2008).

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Buscar através de pesquisa de narrativa de literatura como seria constituído o sujeito mulher através da perspectiva da Psicanálise, objetivando a produção do entendimento diante

das papeis impostos a mulher, e de acordo com as reflexões consideradas pelos autores e autoras psicanalistas que escreveram o sobre o feminino; dimensionando suas questões da feminilidade, em relação as condições sociais, sexualidade, subjetivação, etc.; e fazendo uma relação entre o conceito de sujeito e subjetivação com o feminismo, compreendendo gênero e sexualidade.

Assim, pensando criticamente sobre o processo que subjetividade da mulher em sua trajetória histórica, onde se tem muita imposição de regras, uma educação indicando sempre o bom comportamento, afim de domesticar o corpo feminino, para ser boas esposa, ser mãe exemplar, ensinada a cuidar dos filhos do marido, limitando o seu potencial, restringindo sua capacidade a funções submetidas a autoridades patriarcados.

O estudo sobre o feminino em Psicanálise, comparando ao conceito geral, haja visto que para a psicanalise não há diferença além do que a sociedade impõe, e através de descobertas do complexo de Édipo nos mostra a falta do “falo”, ou o que “não existe” de Lacan trás.

Ao perguntar sobre a mulher quem pode falar? Ao constatar que a mulher de início fora falada por homens no âmbito psicanalítico, e que após a inserção da mulher como psicanalista começaram a ter uma visão mais detalhada do que é o universo feminino, com suas vivências, conquistas, dores e vitórias.

A feminilidade em sua constituição tem como base uma sociedade patriarcal, que a submete a significações dadas de conceito e características e traços que determinam os papeis sociais que podem ocupar. Diante disso a psicanalise proporcionou espaços de fala, desde as mulheres históricas até a inserção como Psicanalistas.

Dessa forma concluo que as informações que encontrei nos textos pesquisados sobre teorias que falam da constituição do sujeito feminino vai muito além do que relaciona com particularidade ao órgão genital feminino, bem com a lógica fálica que traz a psicanálise, mas a sua constituição através da linguagem que a forma, conquistando seu lugar e encontrando a multiplicidade de campo que a mesma possa existir.

Finalizo minhas considerações com o pensamento que mesmo a mulher almejando suas conquistas, sonhando com um lugar onde possa exercer poder, estará sempre marcada por atividades silenciosas e cheias de limitações e exigências dada pela sociedade patriarcal.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**. Paris; Tradução de Sergio Milliet, 2º edição. São Paulo: Difusão Europeia do livro, 1967, 2 vols. Colling. Ana Maria, Tedeschi. Losandro Antônio; prefácio [de] Michelle Perrot. – Dicionário crítico de gênero — Dourados, MS, 2.ed., 2019.



COSTA, C. A. R.; BRITTO, R. G. **Histeria, feminino e corpo: elementos clínicos psicanalíticos**. *Analytica*, São João del Rei, v. 7, n. 13, p. 300-314, dez. 2018. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2316-51972018000200012&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-51972018000200012&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 04 jul. 2022.

DEMES, J. R. ; CHATELARD, D. S. ; CELES, L. A. M.. **O feminino como metáfora do sujeito na psicanálise**. *Rev. Mal-Estar Subj.*, Fortaleza, v. 11, n. 2, p. 645-667, 2011. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482011000200008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482011000200008&lng=pt&nrm=iso). Acessos em 05 de abril 2021.

FREUD, S. 1836-1939. **Obras Completas, volume 6: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Análise fragmentaria de uma histeria (“o caso Dora”) e outros textos (1901-1905)** / Sigmund Freud; tradução Paulo Cesar de Souza. 1º Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. – (Obras Completas)

GIL, A.C. (1946). **Como elaborar projetos de pesquisa** – 4 Edição. São Paulo: Atlas, 2002

KHEL, M. R. **A mínima diferença: Masculino e feminino na cultura** – 1º ed. – Rio de Janeiro, imago, 1996.

KHEL, M. R. **Deslocamentos do Feminino – A mulher freudiana na passagem para a modernidade**, 2º ed. – Rio de Janeiro, imago, 2008.

LACAN, J. (1972-1973). **O Seminário, Livro 20: Mais, ainda**. 2º Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.

LAGO, M. C. S. (n.d.). **A Psicanálise nas Ondas dos Feminismos** Retrieved from [http://www.miriamgrossi.cfh.prof.ufsc.br/pdf/a\\_psicanalise\\_nas\\_ondas.pdf](http://www.miriamgrossi.cfh.prof.ufsc.br/pdf/a_psicanalise_nas_ondas.pdf)

LAKATOS, E.M. (1982). **Metodologia Científica**/ Eva MariaLlakatos, Marina de Andrade Marconi. 5 Edição – 2 Reimpressão – São Paulo; Atlas, 2008.

MORAES, P. L. **"Determinação do sexo em bebês"**; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/biologia/determinacao-sexo-bebes.htm>. Acesso em 13 de junho de 2022.

POLI, M. C. **Feminino/masculino** — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

PEREIRA, M. B. G. **Eu, Sujeito, Mulher: Um diálogo entre a Psicanálise e a Teoria da Subjetividade**; Revista científica Uhumanas, UNICEUB- BRASILIA – 2018; Disponível em: <https://www.uhumanas.uniceub.br/pic/article/view/5804/4066#>. Acesso em 19 de abril de 2022.

ROUDINESCO, E.; Reunidos por Marco Antonio Coutinho Jorge. **Em defesa da Psicanálise – Ensaios e entrevistas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

SANTANA, V.C. & BENEVENTO, C.T. (2013). **O conceito de gênero e suas representações sociais**. *Revista Digital Buenos Aires*, 176 (17). Recuperado em 13 de junho de 2022 de <http://www.efdeportes.com/efd176/o-conceito-de-genero-e-suas-representacoes-sociais.htm>.

SILVA, M. V. N.; ESPÍRITO SANTO, Érica S. **A história das primeiras mulheres psicanalistas do início do século XX. História, histórias**, [S. l.], v. 3, n. 6, p. 135–156, 2016. DOI: 10.26512/hh.v3i6.10913. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/hh/article/view/10913>. Acesso em 4 jun. 2022.

SILVEIRA, L. **Feminismo e Psicanalise**, Blogs de Ciência - Edição eletrônica URL : <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/feminismo-epsicanalise/> ISSN: 2526-6187 Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia, V. 6 N. 3, 2020, p. 114-127.

WOLFF, M. P., **Reflexões sobre o feminino**. J. psicanal., São Paulo , v. 42, n. 77, p. 157-165, dez. 2009 . Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-58352009000200011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352009000200011&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 03 jun. 2022.